

Ideologia Moderna de uma civilização do Projeto

Pedro da Luz Moreira

Mestre e Doutorando pelo PROURB da FAU-UFRJ
daluzmoreira@aol.com ou pedro.archi5@terra.com.br

As idéias aqui apresentadas pretendem discutir a inserção dos arquitetos, como ideólogos do habitar, em nossa sociedade contemporânea a partir de sua prática de projeto. Nesta prática cada vez mais interagem atores e intermediações diferenciadas, fazendo do projeto um processo inserido num contexto social concreto. Dentro destas interações os conceitos, civilização e modernidade cumprem um papel relevante, que precisa ser discutido, construído e aprimorado constantemente. O movimento moderno nacional possuía uma construção ideológica destas duas premissas – civilização e modernidade – que foi capaz de conformar um projeto coletivo. As discussões travadas na academia, nos escritórios de arquitetura, na produção ideológica da própria cidade interagiram com a cultura geral do construir no Brasil, com a cidade genérica e anônima que então se expandia.

Em nossa atual condição de país urbano é absolutamente prioritário voltar a discutir os conceitos de modernidade e civilização para promover uma nova conciliação da sociedade em torno da questão de seu habitat. Neste presente os papéis desempenhados tanto pela modernidade, quanto pela civilização parecem variar de uma maneira que pretende reinstaurar uma impossibilidade de antevisionamento do futuro. A discussão dos significados de moderno e civilização assumem um papel fundamental neste contexto, capaz de fazer retornar arquitetos e urbanistas a uma atitude ao mesmo tempo crítica e operativa, capaz de influir sobre um campo tão vasto como o habitar humano, de forma a promover a reversão do quadro de desalento e ao mesmo tempo contaminar a cidade genérica e impessoal. Não basta apenas criticar, mas também operar uma crítica que demonstre a viabilidade da civilização humana sobre o país. O arquiteto precisa ao mesmo tempo demonstrar precisão/adequação à realidade, mas principalmente capacidade de contaminar as mentalidades mais diversas para um projeto de futuro.

Palavras-chave: Projeto – Moderno - Civilização

The ideas here presented intend to discuss the architects insert, as ideologists of inhabiting, in our contemporary society starting from his project practice. In this practice actors and differentiated intermediations interact more and more, doing a process of the project inserted in a concrete social context. Inside of these interactions the concepts of civilization and modernity

accomplish a relevant paper, that needs to be discussed, built and constantly perfected. The national modern movement possessed an ideological construction of these two premises - civilization and modernity - that was capable to conform a collective project. The discussions locked in the academy, in the architecture offices, in the ideological production of the own city they interacted with the general knowledge of building in Brazil, with the generic and anonymous city that then expanded.

In our current condition of urban country it is quite priority discuss the modernity concepts and civilization to promote a new conciliation of the society around the subject of his habitat again. In this present the papers carried out so much by the modernity, as for the civilization they seem to vary in a way that intends an impossibility of the future. The discussion of the meanings of modern and civilization assumes a fundamental paper in this context, capable to do the return architects and town planners at the same time to an attitude critic and operative, capable to influence on a field as vast as inhabiting human, in way to promote the reversion of the discouragement picture and at the same time to contaminate the generic and impersonal city. It just is not enough to criticize, but also to operate a critic that demonstrates the viability of the human civilization on the country. The architect needs at the same time to demonstrate accuracy/appropriate to the reality, but mainly capacity to contaminate the most several mentalities for a future project.

As pessoas que militam na esfera do projeto reconhecem as dificuldades inerentes à construção de uma obra, elas partem de uma série de atores e interlocutores que durante o processo evolutivo da idéia interferem questionando, normatizando, modificando aprovando e reprovando suas conceituações genéricas ou particulares. Um projeto invariavelmente sofre intermediações e questionamentos de uma série de atores; desde um desenhista interessado até um engenheiro de obras experiente, passando pela figura do cliente dos projetistas complementares, dos analistas do município e de uma infinidade de interlocutores. Esta interlocução, antes de prejudicar toda a conceituação envolvida numa série de desenhos e textos, atua no sentido de recalcar a expressividade individual do objeto, conferindo-lhe permeabilidade social e aceitação frente diferenciadas instâncias. A obra de arquitetura é na sociedade moderna por excelência uma obra coletiva, coordenada por uma autoria que basicamente pondera com uma série de interlocutores; cliente, órgãos de fiscalização municipal, ambiental, de sinistros, autores de projetos complementares, atores que realizam a obra etc...O embate entre autobiografia do arquiteto-autor e instâncias de aprovação segue um périplo de aperfeiçoamento da forma-conceito, onde deve atuar uma lógica ao mesmo tempo

racional e intersubjetiva. Esta premissa caso não seguida pode gerar na arquitetura recalques tanto do ponto de vista do arquiteto-autor como também da sociedade que se engaja no esforço de realização da obra.

Nesta operação de concretização da obra é fundamental que os interlocutores, sejam arquitetos-autores ou intermediadores, compartilhem entre si os conceitos de civilização e de modernidade, que transcendem certamente a esfera do projeto de arquitetura ou de urbanismo. A atividade do construir é inerente e básica do ser humano. Podemos afirmar que o homem se humaniza quando abandona as cavernas e constrói sua primeira cabana. Assim também quando traça no território um caminho, ou abre uma picada na mata densa. Esta atividade de produção de um novo mundo, de certa forma independente da natureza, faz do homem um ser além de sua condição animal. Isto por que ele não reconhece no mundo, tal como lhe é dado, o seu mundo, iniciando sua transformação, que na verdade pretende criar um lugar seu no mundo, lugar que ele considera inóspito e agressivo, sem sua interferência. A arquitetura pode ser definida como a criação de um lugar humano no mundo. Assim podemos afirmar que “Aquele que por sua natureza é meramente humano (*homo*) torna-se pela rica contribuição da arte, duplamente humano, isto é *homohomo*.”¹ Portanto a humanidade se enriquece e se duplica por meio de suas poderosas artes e práticas, dentre as quais se destaca a arquitetura, criadora de um mundo humanizado.

Mas a humanização do mundo empreendida pela longa história da humanidade na face da terra depende de uma compreensão precisa dos termos civilização e moderno, uma construção ideológica.

Ideologia:

Desde o iluminismo o debate sobre as profissões, tanto sobre a arquitetura, quanto sobre o urbanismo pretendem construir a figura do arquiteto como um ideólogo social, capaz de organizar de forma persuasiva, tanto a cidade como o viver. Quando Laugier estabelece a redução do fenômeno urbano ao natural impõe a impossibilidade de qualquer ordenamento a priori e a submissão das formas de composição urbana à estética do pitoresco. Para Laugier, quem desenha um parque sabe desenhar também uma cidade, já não encontramos mais os apelos a ordem, mas a aceitação do caráter antiprospectivo do espaço urbano. O retorno ao

¹ HARDT, Michael e NEGRI, Antonio – **Império** – editora Record Rio de Janeiro 2001 pg90, citando BOVILLUS, Carolus **Il libro Del sapiente**

naturalismo pretende ao mesmo tempo retorno à pureza original e a redução da cidade a um sistema, como um meio ambiente.

É interessante a busca de uma nova autoridade pelo racionalismo iluminista, o valor atribuído à natureza, tanto como sujeito ou como objeto, numa ação ético pedagógica. A cidade enquanto obra humana tende para uma redução sistêmica, como a paisagem, através de uma seletividade crítica. A cidade como floresta de Laugier contrasta com a arquitetura artificial de Durand, ela tenderá a ser considerada como um fenômeno absorvido ao natural, longe portanto da estrutura profundamente humana, que ela na verdade é.

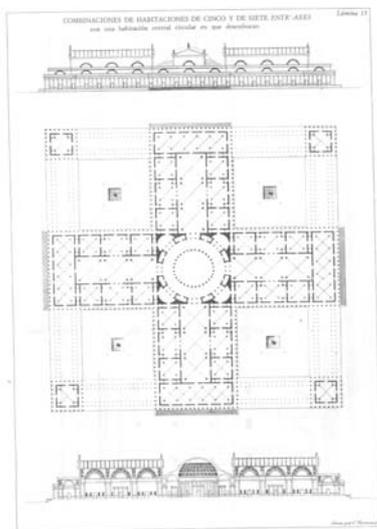


Figura 1: A arquitetura do iluminismo busca de uma composição submetida ao normativo da natureza

O iluminismo irá tentar unificar natureza e razão, dividindo com esta primeira a responsabilidade pela destruição que promove do antigo regime. Diante de um mundo ainda por construir é necessário buscar alguma autoridade, daí o bom selvagem de Rousseau e outras mistificações dos processos naturais, construções ideológicas que embasarão a criação do habitat humano.

“Não é por acaso que uma operação gigantesca e de vanguarda, como a reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755, sob a direção do Marques de Pombal, foi conduzida num clima completamente empírico, longe de qualquer abstração teórica.”²

É o próprio iluminismo que em 1801 com Destutt de Tracy, retomando idéias de Condillac, publica Elementos de Ideologia, cunhando o termo pela primeira vez na história, e encarando-o

² Sobre o terremoto de Lisboa ver FRANÇA, José Augusto **Uma cidade das luzes: A Lisboa de Pombal** editora Presença

como uma nova disciplina filosófica³. Para este pensador toda ação humana dependia do conhecimento, que por sua vez se organizava pelas idéias, se os homens conseguissem compreender como estas idéias se formavam poderíamos nos entender e criar um mundo melhor. A realidade objetiva era apreendida pelas impressões sensoriais, que depois se desenvolviam em idéias, a ideologia auxiliaria a humanidade a reconstruir este processo formativo, passando a refletir melhor a própria realidade, evitando os deslizos do subjetivismo. Este pensador francês fazia parte de um grupo de filósofos, que eram atuantes na revolução francesa, pretendendo orientá-la para o aprimoramento das suas instituições.

Em 1812 Napoleão Bonaparte, ao reagir aos aconselhamentos deste grupo, que pretendia influenciar nas decisões do Imperador nos destinos da recente nação, cunhou um valor pejorativo ao termo ideologia. Segundo Napoleão os ideólogos se agarravam a uma “tenebrosa metafísica”, que os afastava do “conhecimento do coração humano”. Para a grande maioria das pessoas o significado do termo cunhado por Napoleão passou a ser utilizado, entrando para a linguagem corrente com uma caracterização negativa, apesar de sua formulação original de Destutt de Tracy ter sido positiva. É neste mesmo sentido que Fourier se utilizará do termo, afirmando que o conjunto do conhecimento humano, formulado até então, possuía uma capacidade deformadora, impedindo os homens de perceber as verdadeiras paixões humanas.

Se os arquitetos e urbanistas são ideólogos do habitar humano como o iluminismo pretendeu classificar o nosso fazer, e mais recentemente TAFURI 1985 qualificou a atuação profissional como uma ordenação ideológica, torna-se necessário compreender: o que exatamente é ideologia? Qual o sentido deste termo que invariavelmente perpassa nosso cotidiano de forma marcante e ao mesmo tempo de forma dissimulada?

BOBBIO, Norberto em seu **Dicionário de Política** distingue dois ramos da interpretação do termo, um significado fraco e um significado forte. No primeiro, o termo ideologia surge como um sistema de crenças políticas, conjunto de idéias e valores, que orientam comportamentos individuais ou coletivos frente a vida social. No segundo, o mesmo termo é apresentado como uma distorção da realidade, um estranhamento operacional do pensamento frente a realidade. A primeira acepção é neutra e a segunda é crítica. Para KONDER 2002, a utilização crítica do termo se inicia com Marx, no seu livro **A Ideologia Alemã**, que trouxe a vinculação incômoda para o pensamento de todas as tendências entre, conhecimento e interesse. Efetivamente no

³ KONDER, Leandro – **A Questão da Ideologia** – São Paulo 2002 Editora Companhia das Letras

sistema filosófico criado por Marx, nossas idéias e formulações teóricas, não podem estar separadas de nossos interesses específicos do nosso cotidiano, de nossa condição de classe.

CHAUÍ caracteriza ideologia inicialmente como um pensamento, com pretensões a explicar uma dada realidade, que pretende ser independente da realidade histórico social que o produziu. Uma espécie de movimento involuntário ou inconsciente do pensamento condicionado por relações sociais muito determinadas, como um pensamento de classe. A ideologia é portanto a representação das coisas, que o pensamento faz da realidade, o que significa dizer que o real não existe e que ele é construído pelo pensamento. A ideologia que considera o empirismo a privilegiada de interpretar o real, considera que a realidade são os fatos ou coisas observáveis e perceptíveis, o conhecimento da realidade se reduz à experiência sensorial. Em contraposição, o idealismo considera que o real são idéias ou suas representações, para o idealista as idéias dão sentido ao real, fazendo-o uma construção de nossas abstrações. Tanto numa perspectiva como na outra a ideologia é um véu que cobre a realidade, uma distorção desta que obscurece nossa compreensão pois estamos inevitavelmente condicionados por nossas condições objetivas de vida.

A presença da ideologia denuncia de certa forma a impossibilidade do saber, vinculando-o inevitavelmente a um interesse específico do sujeito. A questão da ideologia é magistralmente introduzida por MÉSZÁROS, quando pinça de um dicionário três termos que representam construções ideológicas interessadas, quando comprados entre si. Os três termos se referem aos verbetes; conservador, liberal e revolucionário do dicionário do software editor de textos *Wordperfect*, que teoricamente deveria desfrutar de insenção ideológica. No entanto as definições pecam por um dirigismo grosseiro, demonstrando que mesmo num instrumento isento como o dicionário pode haver comprometimento ideológico, como se pode notar pelos significados abaixo;

Conservador – comedido, discreto, de bom gosto, despretencioso, inconspícuo, moderado, quieto, sóbrio, econômico, espartano, frugal, parcimonioso, previdente, prudente, regrado, arredo, equilibrado, reservado.

Liberal – aberto, avançado, despreconceituoso, indulgente, progressista, radical, tolerante; beneficente, generoso, magnânimo, mão-aberta, pródigo; abundante, amplo, suficiente, copioso, excessivo, exuberante, profuso, repleto, rico, transbordante.

Revolucionário – enfurecido, extremista, extremo, fanático, radical, ultra”⁴

No mundo contemporâneo, onde o capital assumiu uma posição de autocomplacência de ideologia única, tudo está permeado pela ideologia. O poder da ideologia não pode ser subdimensionado, afetando tanto os que negam sua existência, quanto os que reconhecem sua presença. Na verdade a ideologia é uma presença, como o inconsciente, ela não pode ser mais definida como superstição, ilusão ou mascaramento da realidade, mas como define MÉSZÁROS 2004 ela é uma forma específica de consciência de classe.⁵



Figura 2: “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada” ROSA, João Guimarães – Grande sertão veredas

Mais na frente o autor irá definir como uma forma de instrumentalização de qualquer pensamento, como uma “consciência prática inevitável”⁶. Algo que possibilita a realização pragmática do pensamento, percebe-se que existem na sociedade uma infinidade de articulações ideológicas, em eterno conflito, que tentam controlar o metabolismo social. Cada ideologia procura formular sua visão totalizadora da realidade e apresentar suas estratégias como alternativas excludentes entre si. A consciência ou o conhecimento passa a ser possível pela identificação e confrontação das várias ideologias, que lutam por conquistar a hegemonia.

“Assim as ideologias conflitantes de qualquer período histórico constituem a consciência prática necessária em termos da qual as principais classes da sociedade se inter-relacionam e até se confrontam.”⁷

⁴ Wordperfect processador de textos do Wordstar

⁵ MÉSZÁROS, op. cit. pg 65

⁶ MÉSZÁROS, op. cit. pg 65

⁷ MÉSZÁROS, op. cit. pg 65

No entanto um dado fundamental estrutura as ideologias conflitantes, o interesse, e o discurso sobre elas não pode se transformar num discurso abstrato, que se exima de nomear os agentes efetivos de cada uma. Pois como instrumentos reais, elas atuam sobre a realidade direcionando as atitudes e pensamentos de sujeitos concretos. A perspectiva de MÉSZÁROS reabre uma possibilidade para o conhecimento, uma vez que a consciência pode ser reconstruída, não negando a presença ideológica, mas a partir do choque entre as diversas ideologias. É importante identificar o agente de cada uma das ideologias, contextualizar sua funcionalidade e entender seus objetivos.

É importante assinalar que a simplificação ideológica não se restringe a uma construção cínica e maquiavélica, os indivíduos efetivamente acreditam nos seus pensamentos e divulgam suas idéias, com a pretensão sincera de serem universais. O interesse de todo pensamento é uma realidade e determina que não exista pensamento livre de distorção ideológica, pois os humanos que o produzem estão inevitavelmente ligados a um contexto de interesses que distorce sua própria maneira de pensar. Na matriz marxista de pensamento existem dois conceitos fundamentais, que estruturam a relação dos homens com os objetos, e que fazem parte de sua percepção do real. De um lado o valor de uso, que é determinado pela necessidade operacional de um determinado objeto para um sujeito específico, de outro o valor de troca, que estabelece o equivalente universal, que otimiza as trocas de mercadorias no comércio humano. Estes dois conceitos explicam de forma sintética a alienação e as distorções ideológicas do capitalismo. O valor de uso era subjetivo e qualitativo, e se realiza quando o ser humano vive a experiência de servir-se de alguma coisa. Enquanto o valor de troca era objetivo e quantitativo, e se realiza a partir da utilização do dinheiro como equivalente universal que otimiza as trocas de mercadorias no comércio humano. O capitalismo implanta uma necessidade crescente da expansão do valor de troca frente ao valor de uso, até atingir o ponto onde as mercadorias se fetichizam e assumem valores simbólicos. Efetivamente quando se chega a este ponto a mercadoria deixa de ter qualquer relação com sua realidade produtiva, passando o preço a ser determinado por valores totalmente simbólicos e abstratos, como na frase paradigmática do presidente da Nike, nós não vendemos tênis, mas emoção. De certa forma a arquitetura e o urbanismo contemporâneos brasileiros sofrem de forma emblemática a ampliação do valor de troca frente ao valor de uso, tanto quando determina que as classes populares terão acesso a habitação via produção artesanal, como quando intensifica a exploração caoitalista do solo da cidade, através da gentrificação, ou de seu isolamento em condomínios controlados

Diante de um mundo fetichizado, variadas ideologias se enfrentam procurando atingir os corações e as mentes da sociedade, buscando ser entendidas como universais apesar de seu conteúdo inevitável de interesse. Daí a centralidade contemporânea do conceito de hegemonia, que outro pensador marxista Antonio Gramsci irá produzir. Para Gramsci a classe operária deveria abandonar suas lutas corporativas, imediatas e transformar-se em classe nacional⁸. Como bom pensador de filiação hegeliana, como o próprio Marx, Gramsci constroeu seu pensamento a partir de oposições, que se estruturam de forma graduada e forçam o pensamento a busca da síntese. No caso da hegemonia Gramsciana, de um lado existe a coerção inerente a qualquer prática da liderança ou comando, e de outro o consenso inevitável dentro de qualquer pensamento coletivo que pretende alcançar a prática. A hegemonia gramsciana reconhece que um sistema de idéias de uma classe ou de um grupo de intelectuais exerce ao mesmo tempo sobre a sociedade um poder consensual e coercitivo. A doutrina courbusieana, que vai da carta de Atenas à síntese construtiva da planta e fachada livre exerceu sobre os arquitetos, até a década de sessenta, um poder ao mesmo tempo consensual e coercitivo. Ou o rodoviarismo imperante no urbanismo desde o pós-2ª guerra até a crise do petróleo na década de 70, que elegeu o carro como meio de transporte, tinha suas bases na idéia falsa da inesgotabilidade dos estoques de combustível fóssil.

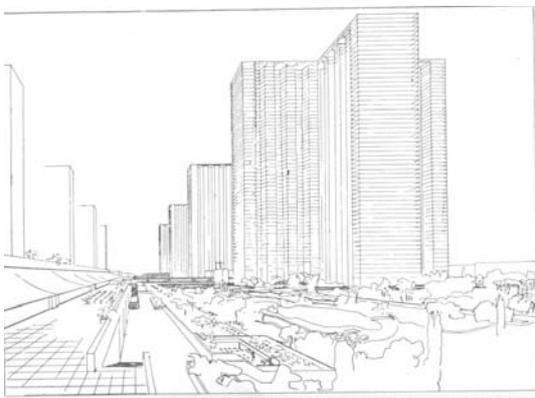


Figura 3: A doutrina courbusieana coerção e consenso

Existe outro conceito em Gramsci que possui uma importante centralidade para sua teoria da hegemonia, que é a idéia de “senso comum”, existe neste termo uma promessa de bom senso. No entanto existe nele uma perspectiva drasticamente empírica, restrita a compreensão imediata e portanto superficial. Em sua origem o termo ideologia derivava de uma valorização exagerada da percepção sensorial, para Gramsci - Marx e Engels os fundadores da filosofia da

⁸ COUTINHO, Carlos Nelson - **Gramsci um estudo sobre seu pensamento político** – editora Campus Rio de Janeiro 1989

práxis - foram os primeiros a apontar uma possibilidade clara de superação da ideologia. No entanto acabaram por lhe dar um sentido demasiado negativo e pejorativo. Para Gramsci, a desqualificação ilimitada e generalizada do conceito na verdade impede sua superação, todo pensamento era portador de distorções ideológicas, existindo uma diferenciação importante de ser feita nos processos de formação das ideologias, existindo *ideologias historicamente orgânicas* e *ideologias arbitrarias*. Para Gramsci a última merecia o combate incessante do pensamento crítico, pois ela deturpava a compreensão da realidade, estando inevitavelmente ligada a manutenção do status quo. Já as ideologias historicamente orgânicas faziam parte de um quadro de avanços da ciência e da objetividade, como se fossem vitórias da representação frente a fatos da realidade que todos reconheciam como verdadeiros, independente de ponto de vistas particulares e de grupo, que faziam a história se movimentar.

Para Gramsci existe efetivamente um dado de positividade no conceito de ideologia e este está vinculado ao processo de transformação de uma idéia em operacionalidade. Para ele a ideologia se torna ciência, quando toma a forma de “hipótese científica de caráter educativo energético, e, é verificada pelo desenvolvimento real da história”⁹. Assim a revolução burguesa na França ou nos Estados Unidos dependia da formação da ideologia para se materializar na história. A ideologia é dependente de um processo de absorção pelo senso comum existindo sempre uma catalização e uma transformação de anseios pré-existentes. Assim a crítica de LYNCH e ROSSI dos anos sessenta à cidade de uma objetividade ingênua do modernismo, encontra no senso comum um terreno fértil, que ao mesmo tempo é reconhecido como anseio geral, não deixando também de transforma-lo. A idéia gramsciana de ideologia é exemplarmente sintetizada na frase;

“O progresso é uma ideologia, o vir a ser é uma filosofia”¹⁰

Uma frase que demonstra toda a complexidade da visão sobre a ideologia de Gramsci, para avançar a práxis necessita da ideologia, que logo será desmascarada pela filosofia. A própria filosofia da práxis não pode estar imune às vicissitudes da ideologia, exatamente por estar comprometida com a transformação e a crescente mobilização dos indivíduos. Gramsci claramente nos alerta que o que importa não é a ambição irrealista de se preservar contra a contaminação das contradições ideológicas, e sim a firme vontade de combater e superar os

⁹ GRAMSCI, citado em KONDER op cit. Pg105

¹⁰ GRAMSCI, citado em KONDER op cit. Pg105

elementos acrílicos da consciência. O impulso transformador é sempre “racionalidade e irracionalidade, arbítrio e necessidade”. Num campo como a arquitetura e o urbanismo, onde a operação desempenha papel fundamental o conceito de ideologia assume uma especial centralidade. Gramsci parece ligar o sinal de atenção para os marxistas da inerente vertente humana da criatividade, tal como elas se manifestam no dia a dia nas criações culturais.

Desta idéia de atenção as formas de produção da cultura, Gramsci percebe que a ideologia conservadora estava se transformando e perdendo sua capacidade de exercer uma verdadeira hegemonia sobre a sociedade como um todo. Gramsci entendia que o aumento do ceticismo era exatamente um sintoma da crise da cultura burguesa, que não mais conseguia representar sua cultura de forma generalista e universal. O intelectual e o intelectual orgânico era responsável pela criação de uma cultura efetivamente transformadora, capaz de representar o ser humano em sua plenitude, ao mesmo tempo sendo constituído pelo movimento da história e construindo este movimento. A figura da liderança e sua relação com a base que lhe gerou é magistralmente explicada pelo conceito de hegemonia, existindo sempre uma relação político pedagógica que inevitavelmente varia entre os conceitos de coerção e de consenso. Há em Gramsci a presença de uma certa presença da imperfeição inevitável no pensar, no filosofar e no fazer científico, sendo um pensamento que reconhece uma polissemia de pensamentos, se autoregulando entre a necessidade de avançar na prática e a real construção da realidade.

Esta teoria nos auxilia a compreender de forma emblemática como as cidades vem sendo construídas, e como as premissas de seu desenho podem ser encontradas em formulações ideológicas, que se tornam pela presença da hegemonia ideais do senso comum. Assim a ideologia anti-urbana que de certa forma perpassou toda a modernidade e subsiste na pós modernidade gerou os modelos de cidade de desenvolvimento em torres e de dispersão interminável dependente do automóvel, pois estas construções ideológicas continuam sendo identificadas com o bem viver. Isto também explica por que as cidades neoclássicas, ou higienistas, ou ainda da *belle époque*, que trabalhavam diferenciando as avenidas do tecido comum como o espaço da monumentalidade urbana, tiveram uma recorrência impressionante na história das cidades¹¹.

¹¹ MOREIRA, Pedro da Luz - **Belo Horizonte 100 anos da Construção de uma Tradição Moderna** - Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Urbanismo, FAU/UFRJ, 1999

Este modelo formal dominou o cenário das proposições, de meados do século XIX até a década de 30 do século XX, pois ideologicamente se auto afirmou como um projeto civilizatório, que encarnava a cultura ocidental, que sofria então seu segundo ciclo de ampliação, representado pelo capitalismo industrial. As cidades eram então grandes promessas de emprego fácil e farto, não necessariamente especializado, que redimiam a humanidade das intempéries naturais e dos condicionamentos da tradição. Todas as ideologias do habitar humano na era industrial, de certa forma foram gestadas como resposta ao horror deste desenvolvimento na cidade, que gerou aglomerações urbanas imensas, densas, sem higiene e sem infraestrutura, locais onde o crime e a perversidade humana eram gestados. Os ideólogos do habitar humano, arquitetos e urbanistas geraram então uma diversidade de ideologias que pretendia reconstruir o bucólico e o pitoresco do campo na cidade, que passa ideologicamente a encarnar o paradigma do bem viver. Os mestres da vanguarda moderna, Lê corbusier ou Wright, propõe exatamente destruir a densidade conformando uma cidade dispersa, na qual a sua distinção para o campo não seja mais percebida.

A ideologia da civilização:

A civilização, longe de qualquer idealismo, não é algum estágio superior de existência que determinados povos desfrutam enquanto outros lutam para alcançá-lo. Ela nasce a partir de um traço inerente à espécie humana, que determina a sua absoluta dependência da sociabilidade, para que se conquiste a sobrevivência. A convivência inter humana sempre foi um traço marcante desta espécie, que possui dotes intelectuais apurados em contraposição a uma relativa fragilidade física. A interdependência, a divisão de tarefas e a discussão de estratégias sempre marcaram o fazer humano, que acabaram após um longo processo determinando, uma quase hegemonia absoluta da espécie sobre a terra. A civilização é portanto o incremento das interdependências entre seres humanos, que nunca cessa de se ampliar, um movimento contínuo, cheio de retrocessos e avanços, que cada vez mais condiciona o fazer individual.

Portanto o processo civilizatório pode ser definido como um aumento da interdependência entre os indivíduos na vida societária, e um desenvolvimento de padrões de convivência que se instala a partir desta presença. Com seu desenvolvimento mais pessoas sintonizam sua conduta com a de outras, construindo uma teia interdependente que parece se organizar de forma cada vez mais rigorosa e precisa, transformando cada ação individual numa função

social¹². Este processo não é uma decisão racional que se instala, mas fruto de uma necessidade de sobrevivência no humano, determinando que algumas condições objetivas de sua existência sejam alcançadas, quando agregados em grupos, de forma mais eficiente. A sociedade contemporânea é fruto de um longo processo de desenvolvimento de formas variadas desta interdependência. A etapa que vivenciamos não é melhor nem pior que fases posteriores, mas certamente é a única que reúne o maior acúmulo de diferenciadas experiências humanas neste campo, o que aumenta em muito as responsabilidades desta geração de humanos. A humanidade ao longo de sua história sempre se defrontou com duas vertentes; a ampliação do processo civilizatório, ou o aumento da barbárie. A contemporaneidade vive este mesmo confronto, de forma muito mais dramática, pois em nosso tempo a negação da interdependência e a imposição de vontades particulares podem determinar o extermínio da própria espécie.



Figura 4: A construção da civilização deve envolver diferentes culturas

O conceito de civilização recalca as diferenças particulares entre indivíduos e povos e enfatiza o que é comum a todos os seres humanos. Existe como assinalado por ELIAS, Norbert uma diferença importante entre cultura e civilização;

“o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de cultura reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual e repetidas vezes perguntar a si mesma: Qual é realmente nossa identidade?”¹³

¹² Os conceitos aqui desenvolvidos de processo civilizatório e de ampliação da civilização foram tirados de ELIAS, Norbert – **O processo Civilizador** – Jorge Zahar editora Rio de Janeiro 1993

¹³ ELIAS, Norbert – **O processo Civilizador volume 1** – Jorge Zahar editora Rio de Janeiro 1993 pg 25

Portanto o conceito de civilização envolve uma espécie de cosmopolitismo, antítese de uma identidade, uma universalidade que necessariamente envolve a presença de uma diversidade de culturas. Aquilo que KANT já no século XVIII definia como cidadão do mundo ou homem cosmopolita¹⁴. Na verdade o filósofo alemão já contrapõe o contraste entre os conceitos de civilização, como a verdadeira virtude humana, como uma força em desenvolvimento que iria realizar a humanização do homem, que se contrapõe a cultura, conceito diametralmente oposto que está preso a uma exibição enganadora de erudição, a um processo de contínua construção de identidades. Mas o conceito de civilização está também imbuído de um espírito colonizador, como assinala ELIAS, que no ocidente gerou toda uma série de dominações e atrocidades, que se iniciam com as conquistas ibéricas da América, passaram pelas diferentes formas de imperialismo e desembocaram no genocídio judeu e cigano pelas forças nazistas, que na verdade botaram o projeto iluminista e moderno em crise.

Na contemporaneidade uma série de pensadores¹⁵ vem apontando esta forma de pensamento iluminista como produtor de terríveis formas de regulação e opressão, como incapacitado de reconhecer a diversidade de alteridades presentes nas diferentes culturas, gerando inevitavelmente genocídios como o holocausto nazista ou o mais contemporâneo dos tutsis em Ruanda. O ocidente patriarcal, cristão e branco, que gerou o iluminismo é incapaz de reconhecer a diferença e diante dela tem sempre a postura do extermínio do colonizador. Assim a civilização é sempre homogeneizadora, expansionista, impulsionada pelo argumento tosco e bárbaro, “nós somos a civilização, eles são a barbárie.” Com isto caímos no inevitável relativismo de que a civilização e a barbárie não podem mais ser definidas apriori, que elas são na verdade uma questão de posicionamento ou de ponto de vista, pois cada um chama de civilizado o que ele é, conhece e compreende e de bárbaro o estrangeiro e o desconhecido¹⁶.

Assim em nossos tempos contemporâneos precisamos buscar uma definição de civilização, que na verdade inclua a diferença, que volte a incluir a humanidade em todas as suas diferenças na promoção coletiva da humanização do mundo, que não pode ser mais arrogante sobre o risco de levar o planeta a autodestruição. Na verdade, neste trabalho não se acredita em qualquer

¹⁴ KANT, Imanuel – **Idéias sobre uma história universal, do ponto de vista de um cidadão do mundo**

¹⁵ A lista certamente se inicia com FOULCAULT, Mitchel, e segue com autores mais próximos no tempo ao contemporâneo como BAUDRILARD, Jean, GUATARRI, Félix, SANTOS, Boaventura de Souza, críticos da racionalidade ocidental exclusivista que se via como única guardiã da civilização.

¹⁶ Para uma definição do que é bárbaro ver WOLF, Francis – **Quem é Bárbaro?** – Seminário **Barbárie e Civilização** organizado por NOVAES, Adauto companhia das letras SãoPaulo 2004

tipo de contradição entre a diversidade e a universalidade do conceito de civilização e de humano. Não podemos mais ingenuamente acreditar que esta promoção da humanização do mundo é o destino inevitável da humanidade, mas construção e vigília diária, pois a barbárie continuamente nos ameaça. Portanto neste trabalho definiremos civilização como interdependência entre diferentes seres humanos, como a proteção e manutenção dos patrimônios culturais diferenciados e como solidariedade entre diferentes culturas, que na verdade precisam uma das outras para aprimorar sua existência efetiva e diária.

A sociedade de uma maneira geral identifica ampliação do processo civilizatório com o desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo, com a ampliação generalizada do bem viver. A história da arquitetura e do urbanismo são testemunhos de uma série de exemplos de civilização, de efetiva convivência entre diferenças culturais. Cidades variadas encarnaram este espírito universalista da civilização; a Granada ou a Toledo do século IX na Espanha antes da dominação dos reis católicos, a Berlim da República de Weimar, a Nova York do século XX, Los Angeles e São Paulo no século XXI etc... Ao contrário a ruína e a deterioração de conjuntos urbanos e arquitetônicos está inevitavelmente vinculada a decadência e ao retrocesso do processo civilizatório. Grande parte de nossa ansiedade frente ao horizonte que se instala em nossa perspectiva contemporânea, a partir da ruína das torres gêmeas em Manhattan, no 11 de setembro é que este fato remete-nos muito mais a destruição do que a construção. Diante do atentado do 11 de setembro, ou da destruição pelo regime talibã no Afeganistão das estátuas gigantescas de Buda, ou da invasão americana do Iraque, só nos restariam duas posições relativistas; a barbárie destrutiva do fanatismo islâmico ou a barbárie do fundamentalismo americano, que se autodenomina defensor da civilização ocidental? A repressão dos impulsos espontâneos, o domínio das emoções, o hábito de refletir sobre as causas passadas e as conseqüências futuras dos próprios atos são gestos civilizadores, não importa em que culturas estejam inseridas. A vida humana não pode mais, apesar da grande tentação, se restringir à satisfação imediata de apetites particulares, deve sim enfatizar que onde há o humano deverá sempre ser cultivado o social.

A ideologia do moderno:

Por outro lado, o projeto civilizatório contemporâneo precisa de uma conceituação precisa do que seja modernização, um processo de ruptura com a tradição, que se desenvolveu no ocidente e sofre não uma expansão linear e homogênea, mas uma processualidade desconexa

e interrompida. A idéia de modernidade no mundo contemporâneo está em crise, sua idealização mais revolucionária, de que os homens podiam auto construir seu futuro, se libertando das contingências da vida está se desfazendo num cotidiano que só nos guarda cada vez mais surpresas, cada vez mais contrárias a estas pretensões. NEGRI (2001) num discurso síntese destes nossos tempos, qualificou como ninguém as desilusões daqueles que anseavam por mudanças advindas da aceleração da idéia de modernidade.

“Nada do que eu concretamente esperava aconteceu, mas em compensação, tudo o que aconteceu foi diferente e singular, com respeito àquilo que abstratamente eu imaginava. Se se pode tirar um ensinamento dessa situação é que quase sempre existe inovação (e por que não felicidade?) também no negativo, uma heteronomia de finalidade, uma desmesura absoluta dos acontecimentos. Talvez razão e afeto funcionem desse modo, como uma relação que se equilibra sem cessar.”¹⁷

Mas é preciso antes de oferecer as possibilidades de desenvolvimento caracterizar de forma mais sistêmica o termo moderno, uma idéia que povoa o espírito humano desde muito antes dos conceitos contemporâneos de GIDENS 1990 “modernidade radicalizada” ou HABERMAS 1980 “modernidade inacabada” ou ainda JAMESON ‘modernidade singular”. A palavra moderno está vinculada a um presente contínuo, afinal ser moderno é estar em dia com as mudanças da contemporaneidade. A palavra moderno significa alguma coisa relativa ou pertencente a época em que se vive¹⁸, vários períodos da história reivindicaram esta característica. A imprecisão da palavra está magistralmente representada no HOUAISS 2001 onde dois sentidos quase contrários se sucedem;

“7. que representa o gosto dominante da época (móvel m.) (roupas m.) 8. cujos os valores opiniões comportamento etc ainda não são aceitos pela maioria das pessoas numa sociedade (uma mulher m., com idéias avançadas)”

Portanto a palavra moderno no dicionário está ao mesmo tempo vinculada a uma generalização do gosto, quando se trata de móveis ou roupas, mas quando associada à mulher aparece como uma antevisão do futuro, pois contraria o senso comum ou as expectativas gerais. O termo foi recorrente no campo das sensibilidades, aparecendo sempre em contraposição ao antigo, como

¹⁷ NEGRI, Antonio – Exílio seguido de valor e afeto – Editora Iluminuras 2001 São Paulo

¹⁸ HOUAISS, Antonio – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Editora Objetiva 2001 Rio de Janeiro

uma sintonia entre comportamento e novas formas de operar.¹⁹ A palavra latina *modernus* significa simplesmente agora ou o tempo presente, o que ratifica a idéia de um presente contínuo. Uma das inevitáveis dimensões da modernidade era sua idéia de modernização, via implemento de novas tecnologias produtivas, que instituíam uma sinergia de progresso que a tudo e a todos devorava. O progresso e o surgimento de novas relações produtivas parecia ser no final do século XIX uma dimensão em constante expansão. Mesmo o modelo alternativo, o soviético - do socialismo real - encontrava nas promessas stalinistas de emparelhamento com o ocidente via indústria pesada uma forte justificativa transformadora. Os meios stalinistas e da indústria fordista de modernização logo demonstraram seu imediatismo, não só ambiental, como também com relação à organização do trabalho, ajudando a construir na contemporaneidade a variação da idéia de moderno, que parece ter sido usurpada pelo pensamento conservador.



Figura 5: A cidade se estende de forma interminável sem qualquer controle, obedecendo ao mercado, que passa a ser moderno?

O renascimento da idéia de moderno na contemporaneidade pela ideologia conservadora pretende exatamente retirar de seu conteúdo os conceitos que durante anos estiveram vinculados a ele, como; socialismo, industrialização (particularmente a fordista, pré-computadorizada, a indústria pesada), o vanguardismo e a violação da natureza. O moderno foi trocado no mundo contemporâneo pela idéia de modernidade, que envolve invariavelmente informação, conexão e invariavelmente reestruturação produtiva. A idéia de modernidade volta no mundo contemporâneo a suplantar a pós modernidade, significando invariavelmente uma

¹⁹ JAMESON, Frederic – **Modernidade Singular, Ensaio sobre a ontologia do presente** – Editora civilização brasileira 2005 Rio de Janeiro, cita na área da literatura os livros; *Querelle des anciens et des modernes* de 1867 CURTIUS ou no fac símile *Parallèles des anciens et des modernes* 1688 PERRAULT, destacando que esta sempre foi uma maneira dos diferenciados espíritos de época organizar suas dissenções.

adaptação inevitável ao mercado mundial e suas novas formas de organização da produção. A modernidade passou a significar um certo conformismo às restrições do mercado, um certo *modus vivendi* sintonizado com uma dimensão que não pode mais ser planejada, que demanda dos indivíduos subordinação às contingências do cotidiano. De repente, as questões de qual forma de organização societária deve ser buscada, de como podemos construir e viver juntos, de como podemos planejar nosso futuro tornaram-se absolutamente não modernas. Daí que os adversários do livre mercado só podem passar a ser taxados como contrários ao progresso e à modernidade da moda.

A modernidade é verdade sempre esteve aliada à ampliação e generalização pelo mundo do sistema capitalista, pois esta forma de organização da produção vinculada a burguesia ocidental foi utilizada como sedução modernizadora para suas amplas conquistas, desde o século XIV. No entanto desde meados do século XIX e grande parte do século XX a idéia de modernidade passou a pressupor um certo ajuste entre esta forma de organização da produção – restrita ao movimento cíclico determinado pelo capital; moeda, mercadoria moeda – exatamente em função da antevisão de graves desequilíbrios sociais e mais tarde ambientais, que comprometiam esta forma funcionamento societário. A regulação do sistema de produção capitalista obtida pelo movimento sindical, pela sociedade civil, pelas diferentes nacionalidades durante o modernismo apontavam para um controle maior de nosso futuro enquanto espécie. Autores como GIDDENS e ROUANET definem moderno como independência com relação à tradição, como uma nova forma de operar, em contraposição as maneiras consolidadas pelo uso, uma forma de fazer consciente. Esta na verdade é a acepção que domina os dois termos desde que as cidades no século XIII e XIV europeu se constituíram como espaços onde a liberdade era possível. A pergunta urgente que hoje se coloca para a humanidade e para a arquitetura e o urbanismo em particular, é que os conceitos de modernidade e de civilização significam autogestão de nosso futuro ou apenas ampliação de um processo que se tornou incontrolável?

Bibliografia:

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco – **Dicionário de Política** - Brasília editora da UNB

CHAUÍ, Marilena de Souza – **O que é ideologia** – editora brasiliense São Paulo 1980

COUTINHO, Carlos Nelson - **Gramsci um estudo sobre seu pensamento político** – editora Campus Rio de Janeiro 1989

ELIAS, Norbert – **O processo Civilizador** – Jorge Zahar editora Rio de Janeiro 1993

FRANÇA, José Augusto - **Uma cidade das luzes: A Lisboa de Pombal** - editora Presença Lisboa 1989

GIDDENS, Anthony – **As conseqüências da Modernidade** – editora Unesp 1991 São Paulo

GRAMSCI, Antonio – **Cadernos do Cárcere volume 4** – editora civilização brasileira Rio de Janeiro 2001

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio – **Império** – editora Record Rio de Janeiro 2001

HOUAISS, Antonio – **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** – Editora Objetiva 2001 Rio de Janeiro

JAMESON, Frederic – **Modernidade Singular, Ensaio sobre a ontologia do presente** – Editora civilização brasileira 2005 Rio de Janeiro, tradução VALENTE, Roberto Franco do original A singular modernity – *Essay on the Ontology of the present*

KANT, Imanuel – **Idéias sobre uma história universal, do ponto de vista de um cidadão do mundo** – editora brasiliense São Paulo 1986

KONDER, Leandro – **A Questão da Ideologia** – São Paulo 2002 Editora Companhia das Letras

MÉSZÁROS, Istvan – **O poder da ideologia** – tradução Paulo César Castanheira São Paulo Boitempo editorial 2004

MOREIRA, Pedro da Luz - **Belo Horizonte 100 anos da Construção de uma Tradição Moderna** - Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Urbanismo, FAU/UFRJ, 1999

NEGRI, Antonio – **Exílio seguido de valor e afeto** – Editora Iluminuras 2001 São Paulo

ROUANET, Sérgio Paulo – **As razões do iluminismo** – Companhia das Letras 1987 São Paulo

TAFURI, Manfredo – **Historia e Teorias da Arquitetura** - Editorial Presença Lisboa

TAFURI, Manfredo – **Projeto e Utopia arquitetura e desenvolvimento do capitalismo** – Editorial Presença Lisboa 1985

WOLF, Francis – **Quem é Bárbaro?** – Seminário **Barbárie e Civilização** organizado por NOVAES, Adauto companhia das letras SãoPaulo 2004